

VARIABILIDADE E PERSISTÊNCIA TECNOLÓGICA ENTRE INSTRUMENTOS LÍTICOS

Sibeli Aparecida Viana

ARQUEOLOGIA – IGPA/PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Introdução

A apresentação tem por objetivo discutir sobre a variabilidade e a persistência técnica de instrumentos líticos lascados, encontrados em sítios arqueológicos do período holocênico, especificamente em contextos arqueológicos em que a cerâmica está associada à cultura material lítica. Tomarei, como estudo de situação, materiais líticos provenientes de três regiões distintas da região Centro-Oeste do Brasil: região do Rio Manso, região do rio Tombador e região do rio Caiapó (Palestina de Goiás). Este trabalho foi publicado na Revista *Habitus* 2011, vol. 2.

Métodos, procedimentos e materiais

As ferramentas líticas escolhidas para o presente estudo foram analisadas sob uma perspectiva teórico-metodológica que se pauta pelas análises tecnofuncionais e evolutivas dos objetos líticos lascados, tendo como principais referências Leroi-Gourhan (1964), Simondon (1969), Boëda (1997; 2001) e Rabardel (1995). Nessa abordagem o instrumento é compreendido como uma matriz composta por três principais partes funcionais – parte transformativa, parte preensiva e parte receptora de energia (BOËDA, 1997) – os instrumentos lascados em análise neste artigo foram considerados como objetos manuais e, por isso, a parte receptora de energia coincide com a preensiva. Com base em Boëda (2001), a zona transformativa, que entra em contato com a matéria, é caracterizada por unidades tecnofuncionais transformativas (UTFt), as quais são definidas como um conjunto de elementos técnicos, representados pelo plano de corte – PC (área confeccionada ou aproveitada naturalmente, localizado na intersecção da face inferior com a face superior, colabora diretamente no direcionamento e na estabilização da ação) e de bico – PB (localizado após o plano de corte, é a zona transformativa do gume, deve ter propriedades físicas e tecnomorfológicas adaptadas a sua ação do instrumento, tal como, ser mais resistente que o objeto a ser modificado); estes planos coexistem em uma sinergia de efeitos; a zona preensiva, está relacionada à preensão do instrumento e denominada de unidade tecnofuncional preensiva.

Resultados e discussão

Os resultados deste trabalho foram divididos quanto aos elementos que expressam persistência tecnológica e aqueles que denotam variabilidade tecnológica: Persistência Tecnológica: A persistência ocorreu em termos de dimensões, forma, tipo de suporte, técnica de percussão, matéria-prima, estrutura volumétrica, tipo de secção, técnica de produção das ferramentas (lascamentos de *façonnage* e *retoque*) e esquema de organização das retiradas. Variabilidade Tecnológica: 1) Variabilidade do tecnotipo – âmbito local. Constata-se que a variabilidade técnica no interior de alguns tecnotipos ocorre sem que a estrutura técnica seja alterada. A estrutura volumétrica. A diversidade também está presente na angulação e na forma dos planos de corte e de bico, bem como nos delineamentos dos gumes e, certamente, no funcionamento do instrumento; 2) Variabilidade do tecnotipo – âmbito inter-regional. A variabilidade entre tecnotipos nas regiões aqui em estudo é expressiva. No entanto, não pretendo exaurir a questão apresentando exaustivamente as diferenças constatadas até o presente estágio da pesquisa. Ao contrário focarei um aspecto técnico particular, presente em tecnotipo denominado de “1”, presente em praticamente todos os sítios das regiões em análise.

Conclusão e referências

Finalizo a apresentação invertendo a rota da questão, será que a variabilidade deve ser pensada a partir dos objetos ou a partir dos indivíduos? Sobre essa questão trago novamente Boëda (1997), quando enfatiza que é inegável que o fator de variabilidade está no próprio indivíduo, naquele que tem a intenção de produzir e naquele que detém conhecimentos para realizar a produção. Na produção lítica, devem-se distinguir os esquemas de intenção daqueles de execução. Isso nos permite observar, as restrições técnicas, relacionadas a problemas de qualidade da matéria-prima ou, qualidade no ato de executar o lascamento. Nesse caso, consideram-se os conhecimentos disponíveis na tradição cultural e/ou o investimento pessoal. A variabilidade de ordem comportamental também traduz os múltiplos conhecimentos técnicos. É preciso sempre considerar que um comportamento técnico é uma obra humana e não a de uma máquina e, em consequência disso, numerosas variantes podem ser introduzidas.

BEZERRA, M. A. As pessoas e as coisas: reflexões sobre a arqueologia pública e os estudos de cultura material na Amazônia. In: JORNADA DE ARQUEOLOGIA DO CERRADO, 2., 2010. Goiânia: IGPA, 2010. 1 CD-ROM. BERRA, J.; DEBLASIS, P. A cerâmica de Ferraz Egreja. In: VILHENA VIALOU (Org.). Pré-história do Mato Grosso. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2). p. 191-202.

BOËDA, E. Technogenèse de systèmes de production lithique au Paléolithique Inférieur et Moyen en Europe Occidentale et au Proche Orient. Paris: Université de Paris X, 1997. Mimeografado. BOËDA, E. Détermination des unités techno-fonctionnelles de pièces bifaciales provenant de la Couche Acheuléenne C'3 Base du Site de Barbas I. In: COLLOQUE INTERNATIONAL DE LIÈGE, 14-15, 2001, Caen. Actes de la Table Ronde Internationale, (ERAUL, n. 98), Liège, Université de Liège, 2001. p. 51-75.

Palavras-Chave: tecnologia litica; saber fazer; esquema tecnico; variabilidade; persistência

Contato: sibele@pucgoias.edu.br